

Simmel no Brasil*

Leopoldo Waizbort

Dedicado ao Octávio Ianni, *in memoriam*

APRESENTAÇÃO

Desde quando se pode detectar a presença das idéias e dos escritos de Georg Simmel (1858-1918) no Brasil? Esta é a primeira questão que orienta este texto. Procuo indicar e investigar os primórdios da recepção de Simmel no Brasil, localizar autores e obras nos quais sua presença se faz sentir e indicar variadas modalidades de recepção, importação, apropriação e discussão das idéias de Simmel no Brasil. A isso acrescenta-se uma ponderação crítica acerca das modalidades indicadas, de sorte a oferecer, como uma primeira abordagem de uma questão ainda inexplorada, não apenas um mapeamento inicial, mas também subsídios para uma valoração que possa indicar os pontos mais fortes e mais fracos, mais amplos e mais restritos, mais ou menos literais, mais ou menos articulados nos modos de lidar e pensar com Simmel, e as conseqüências disso para as pesquisas e disciplinas envol-

*Agradeço a colaboração preciosa de Gláucia Villas Bôas, Otávio Velho, Gilberto Velho, Gabriel Cohn, Fernanda Peixoto, Juri Jakob e Federico Neiburg, assim como dos participantes do simpósio internacional Simmel e a Modernidade (Belém, novembro de 2006) e do 3º Seminário de Sociologia da Cultura do Núcleo de Pesquisa em Sociologia da Cultura (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, dezembro de 2006).

vidas. Sob certo ponto de vista, a investigação faculta acompanhar uma história da sociologia no Brasil.

Entretanto, é preciso, antes de tudo, destacar o caráter anti-simmeliano de tal investigação acerca de sua fortuna crítica ou acrítica no Brasil, pois é preciso inventariar e classificar com um ímpeto bastante estranho ao pensamento de Simmel. Além disso, esta investigação – que não pretende completude, apenas exemplaridade em sua diversidade – nada tem do empolgante, do cativante e do sedutor que costuma caracterizar Simmel e, rumando na direção oposta, é monótona, cansativa e de resultados rarefeitos. Tal rarefação, contudo, é de interesse sociológico e necessita de entendimento.

Falar de recepção, de *cultural transfers*, de apropriações, de circulação de idéias exige, com relação a Georg Simmel, lembrar sua célebre afirmação acerca de sua herança:

“Sei que irei morrer sem herdeiros espirituais (e é bom que seja assim). Meu espólio é como uma herança em dinheiro vivo, que é dividida entre muitos herdeiros: cada um converte a sua parte em alguma aquisição de acordo com a *sua* natureza, de modo que não se pode enxergar a sua proveniência daquele espólio.” (Simmel, 1967 [s.d.]:1, ênfase no original, tradução do autor)

Para quem escreveu uma filosofia do dinheiro, a analogia é plena de sentidos. Podemos ler no livro de 1900: “[...] a transação com dinheiro tem aquele caráter de uma relação absolutamente momentânea, que não deixa nenhum rastro [...]” (Simmel, 1991 [1900]:513, tradução do autor). Assim se compreende porque a recepção de Simmel é, em algumas de suas vertentes mais instigantes, subterrânea, oculta e ocultada. De meu lado, lembro apenas que outras formas de propriedade que não o dinheiro trazem consigo vestígios de sua origem – Simmel diria: vestígios que não se deixam apagar, vestígios objetivos ou psicológicos – que fazem com que o proprietário *se lembre* da origem de tal propriedade – enquanto com relação ao dinheiro não há vestígios que se deixem rastrear.

E, de fato, os herdeiros lidaram de modos bem variados com a herança, e uma pequena, quase insignificante, ramificação disso tudo é o que se pode esperar de um texto intitulado “Simmel no Brasil”. Ademais, tratarei de Simmel no Brasil no âmbito das ciências sociais, sobretudo da sociologia e antropologia; uma possível investigação a esse respeito

com relação à filosofia e à história deixo a cargo dos colegas especialistas¹.

Ainda no domínio dos prolegômenos, cabe lembrar que Simmel, nascido em Berlim há quase 150 anos, tinha por *Muttersprache* (língua mãe) o alemão, e em alemão sempre escreveu. Por essa razão, em certa medida, que é preciso ponderar, o conhecimento, a recepção e a circulação de seus textos dependeu do acesso a essa língua. Mas não exclusivamente, pois desde cedo ele foi bastante traduzido em duas das grandes metrópoles da sociologia da virada do século, Paris e Chicago. Desde cedo, portanto, além do Simmel berlinense, existiu um Simmel parisiense e um Simmel chicaguense. Além, claro está, de alguns outros em outras línguas, que nunca cresceram tanto, ao menos em seus inícios.

Circulação de livros e periódicos, acesso a línguas estrangeiras, agentes de transmissão, fontes de divulgação, instituições de reprodução e assim por diante são sempre elementos fundamentais para que se possa falar de recepção e circulação, assim como dessa casta malpaga e mal-amada, os tradutores. Simmel no Brasil, certamente, depende disto tudo e de algo mais. Pensemos nos agentes e centros de difusão:

- não há sociólogos brasileiros que estudaram com Simmel;
- não há, entre nós, uma instituição a partir da qual a recepção de Simmel se irradiou inicialmente;
- não há, praticamente, publicação de textos de Simmel em português.

Começemos por este último ponto, e aqui vai a lista das traduções de *textos* – em grande maioria fragmentos de texto – de Simmel que consegui fazer; ela vai apenas até a virada para os anos 1980, por razões que explicarei mais adiante.

1. “As Formas Sociais como Objeto da Sociologia”, em 1940, na coletânea *Leituras Sociológicas*, organizada por Romano Barreto e Emílio Willems (1940:7-12. Trata-se de excerto do início da *Soziologie* de 1908).
2. “O Indivíduo e a Díade”, em 1961, na coletânea *Homem e Sociedade*, organizada por Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni (1961)².
3. “A Metrópole e a Vida Mental”, em 1967, na coletânea *O Fenômeno Urbano*, organizada por Otávio Velho (1967:13-28)³.

4. “Requisitos Universais e Axiomáticos da Sociedade”, em 1969, na coletânea *Comunidade e Sociedade*, organizada por Florestan Fernandes (1969:62-81).
5. “O Problema da Sociologia”, em 1977, na coletânea *Teoria Sociológica*, organizada por P. Birnbaum e F. Chazel (1977:18-21).
6. Variados artigos, preponderantemente da *Soziologie* de 1908, em uma coletânea de textos de Simmel na coleção *Grandes Cientistas Sociais*, em 1983, organizada por Evaristo de Moraes Filho (1983)⁴.

Ao lado disso, é preciso destacar a relevância das traduções para o espanhol das obras de Simmel, pois muitas vezes foi através destas traduções que Simmel foi lido no Brasil. Em termos mais gerais, é um fenômeno que teve uma importância que ainda está por ser avaliada no âmbito das nossas ciências sociais, e no caso particular de Simmel isso foi tanto mais relevante, quanto poucas foram as traduções nacionais e variadas as espanholas – publicadas sobretudo em Madri e Buenos Aires (cf. Vernik, 2006).

A simples listagem das traduções brasileiras revela o fato de Simmel estar presente desde os primórdios da institucionalização das ciências sociais no Brasil, como foi o caso da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo⁵. Foi ali que se gestou a primeira das traduções e publicações, concebida como material didático pelos professores Barreto e Willems, em uma antologia que retém ainda hoje, passados 65 anos, seu interesse. Naquela ocasião, a relação com Simmel era ainda uma relação direta com a obra em alemão, língua nativa de Willems. Embora a presença das idéias e dos autores de Chicago não fosse de menor importância, as duas vertentes confluíram em uma escola que juntou professores vindos dos Estados Unidos e da Alemanha – embora por mero acaso. Mas, a partir de então, a relação passa a ser predominantemente intermediada por Chicago, e mesmo as traduções passam a ser de segunda mão, realizadas a partir de traduções norte-americanas – nos melhores casos, coteja-se com o original alemão. Isto não se alterará nem mesmo em 1983.

Dada a importância da recepção de Simmel em Chicago, o centro irradiador da sociologia nos EUA desde a virada do século até o Entre-Guerras, convém lembrar alguns fatos de base: não somente Albion Small como colega de Simmel em Berlim, e Robert Park como seu aluno na Alemanha, para nomear apenas os dois mais conhecidos e influentes, mas também as traduções no *American Journal of Sociology*, e

o papel, que dificilmente se pode exagerar, desempenhado por Robert Park e seu colega Ernst W. Burgess que, em 1921, publicaram, pela University of Chicago Press, sua *Introduction to the Science of Sociology*, uma das coletâneas-manuais de sociologia de maior penetração não só nos EUA, mas no mundo todo. Nesse volume, Simmel é o autor com o maior número de trechos selecionados (10) e a presença e importância de Simmel nessa introdução – conhecida mundo afora como “Park and Burgess” – foi decisiva para a presença duradoura de Simmel na sociologia norte-americana e para sua maior difusão por toda a sociologia ocidental. E, em 1936, Edward A. Shils, também em Chicago, traduziu “The Metropolis and Mental Life”⁶, um texto que propiciará, mais que todos os outros, uma certa divulgação e penetração de Simmel nas ciências sociais brasileiras.

Quis destacar essas duas publicações norte-americanas porque elas revelam algo muito significativo para o tema e problema Simmel no Brasil, ao corresponderem, *grosso modo*, a dois momentos da recepção por aqui. Nesse sentido, gostaria de parafrasear um estudo clássico sobre a recepção de Simmel nos EUA, tendo em vista a nossa situação local: “A transmissão das idéias de Simmel na sociologia americana [brasileira, LW] ocorreu na verdade em tempos diferentes, em locais diferentes, de modos diferentes e por diferentes razões” (Levine, Carter e Gorman, 1976:178).

Se conseguirmos ganhar alguma clareza com relação a essas variáveis, creio que poderemos começar a formar uma idéia da recepção de Simmel no Brasil. Vejamos:

Um primeiro momento pode ser caracterizado do mesmo modo como o fizeram os autores americanos, Levine, Carter e Gorman: “Estabelecendo o domínio sociológico”. Segundo eles,

“Durante aqueles anos, Simmel aparecia como alguém que levou especialmente a sério a questão de estabelecer um domínio analítico claramente demarcado para a sociologia, e sua delimitação decidida do campo ajudou a promover um sentido de identidade profissional para alguns daqueles que aprenderam com ele” (*idem*:178-179, tradução do autor).

Exatamente o mesmo processo ocorre no Brasil, no período que vem de aproximadamente meados dos anos 1930 até a virada para os anos 1980:

1. Simmel é incorporado nos manuais e introduções à sociologia de variados autores, como se vê nos casos citados das antologias-manuais de Barreto e Willems (1940), Fernando Henrique Cardoso e Ianni (1961), e Florestan Fernandes (1969), produzidas no Brasil; e no caso da coletânea de Birnbaum e Chazel (1977), estrangeira, mas traduzida.
2. Simmel aparece como um sociólogo importante ou muito importante, ao lado de outros, no processo de definição, circunscrição, constituição e legitimação da sociologia como ciência e/ou campo autônomo de problematização e investigação. Simmel é reconhecido como um dos patriarcas da disciplina, que precisa, portanto, ser de algum modo minimamente conhecido por todos, e que muitas vezes fornecerá aportes mais ou menos importantes para os sociólogos brasileiros em suas investigações.
3. Por outro lado, não há espaço, interesse, maturação e adensamento intelectual e acadêmico para um aprofundamento na sociologia e no pensamento de Simmel: ele aparece, já o disse, como um importante sociólogo, dentre outros, no processo de constituição da disciplina.

O segundo momento já se deixa entrever por contraste com o anterior: a legitimação do domínio sociológico, o crescente adensamento das ciências sociais no Brasil, a institucionalização crescente da disciplina e dos cursos de graduação e pós-graduação, das agências e dos programas de pesquisa: em suma, adensamento e diferenciação disciplinar possibilitam uma atenção mais detida ao pensamento de Simmel, e a partir de então ele não é mais somente um autor em meio a vários outros, mas um autor que merece atenção por si mesmo. Esse fenômeno possui evidentemente duas dimensões: representa, por um lado, uma diminuição da relevância de Simmel e, por outro, um aumento desta relevância; ou Simmel está fora de um campo de interesse, e nesse sentido deixa de existir, ou torna-se precisamente um foco significativo em outro campo de interesse, e então torna-se um autor e um pensamento que se precisa conhecer mais e melhor. Por outras palavras, Simmel deixa de ser um autor obrigatoriamente conhecido e é progressivamente relegado; mas, no pólo oposto, quando aparece, é como um autor que possui uma relevância especial para o estudo em pauta.

A partir desse momento pode-se, embora esquematicamente, apontar duas vertentes, não necessariamente excludentes, nas quais a pesquisa e presença de Simmel se desdobram: por um lado, sua presença como

um clássico da sociologia, vale dizer como uma referência presente e viva na história da disciplina; por outro lado, como um autor que fornece pontos de partida importantes para a realização de pesquisas e investigações variadas, e nesse sentido firma-se como uma referência intelectual de fundo (em conjunto, o mais das vezes, com outros desenvolvimentos).

Como já indiquei, é na virada para os anos 1980 que, creio eu, se pode localizar cronologicamente essa passagem, que nada tem de brusca, mas se realiza de modo gradual. Basicamente três acontecimentos fornecem indicativamente o enquadramento dessa passagem:

1. A tese de livre-docência de Gabriel Cohn na Universidade de São Paulo – USP, em 1977, publicada em 1979 com o título *Crítica e Resignação. Fundamentos da Sociologia de Max Weber*. Embora o livro seja dedicado a Weber, contém um capítulo sobre Georg Simmel que é um marco no tratamento dado a Simmel no Brasil, devido à penetração com que é abordado e o destaque que recebe no curso do argumento. A simples possibilidade de adensamento intelectual e acadêmico que veio a possibilitar a concepção, escrita, submissão, aprovação, publicação e reconhecimento de tal tese já é um índice seguro de que as ciências sociais, no Brasil, comportavam naquele momento um trabalho daquele gênero.
2. A coletânea *Georg Simmel: Sociologia*, organizada por Evaristo de Moraes Filho e publicada em 1983 na coleção *Grandes Cientistas Sociais*, dirigida por Florestan Fernandes. Como já assinalai, a coletânea reúne textos variados: um artigo inteiro e 11 fragmentos de livros, grande parte deles extraídos da *Soziologie* de 1908. Vale notar que o volume dedicado a Simmel na coleção é o de número 34, o que significa que antes dele se publicaram 33 volumes dedicados a outros autores, e essa posição reflete, embora não de modo absoluto, a importância que então se atribui ao sociólogo de Berlim (a coleção foi inaugurada, como não poderia deixar de ser, com o volume dedicado a Émile Durkheim).
3. Uma série de investigações de Gilberto Velho, que se inicia na passagem dos anos 1970 para os anos 1980 e que perdura até o presente, nas quais Simmel é uma referência fundamental: no centro dessas investigações está o problema do indivíduo/ individualismo e da sociabilidade, e Simmel é o autor por excelência, embora não o único, que orienta as problematizações de Gilberto. Apenas a título de ilustração – pois aqui se trata menos de publicações e mais de

algo que se poderia mesmo denominar um programa de investigação, de que as publicações são um resultado – posso nomear os livros *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, de 1981, e *Subjetividade e Sociedade. Uma Experiência de Geração*, de 1986.

Esses três fenômenos, um paulista, um paulista-carioca e um carioca, são indicativos; assim como é indicativo que se trate de protagonistas sociólogo, jurista, antropólogo. Como quer que seja, minha proposta é indagar um pouco pelo primeiro momento, e a forma para tanto é a do inventário.

UM MANUAL DOS ANOS 1930 E UM PROTAGONISTA IMPORTANTE: FERNANDO DE AZEVEDO

Fernando de Azevedo publica, em 1935, os seus *Princípios de Sociologia. Pequena Introdução ao Estudo de Sociologia Geral*, um manual com cerca de dezena e meia de referências a Simmel (Azevedo, 1935)⁷. O livro é bastante amplo e arrola um grande número de vertentes da sociologia e de autores (preponderantemente franceses, norte-americanos, ingleses, alemães e italianos); Simmel aparece no manual em variados momentos:

1. Na defesa da objetividade do conhecimento dos fatos e fenômenos sociais, na busca de uma imparcialidade, embora não deixe de reconhecer que o sujeito do conhecimento carece estar em uma relação íntima com o objeto que almeja compreender (*idem*:23).
2. Em um capítulo sobre a importância da sociologia dos grupos sociais, Azevedo retoma e destaca a compreensão simmeliana da relação entre a formação de uma personalidade individual e independente e os diferentes e múltiplos círculos sociais (*idem*:66).
3. Azevedo também destaca a questão das “formas sociais”, compreendidas como “tipos de interação dos indivíduos nas suas relações recíprocas” (*idem*:69). Na investigação de tais formas, o interesse deve recair sobre as modalidades de relações que estão ali em jogo, tais como conflito, cooperação, imitação, subordinação etc., pois são nessas relações que “os homens se tornam sociedade” (*idem*:69 e 150) Vê-se aqui uma compreensão acurada, por Fernando de Azevedo, de um nexos fundante da sociologia e do pensamento de Simmel.

4. Azevedo destaca a importância dada por Simmel à grandeza dos grupos sociais, como um fator significativo para a análise das formas sociais. Nesse sentido, Azevedo também pontua, através de Bouglé (uma figura central na história da recepção de Simmel na França), o tema simmeliano da grandeza da cidade como um fator importante na análise das relações sociais que então se estabelecem, sobretudo no que diz respeito às dimensões de dependência-independência do indivíduo (*idem*:72 e 82-84).
5. Azevedo retoma a crítica, feita por Durkheim, das insuficiências da sociologia simmeliana enquanto estudo das formas, que resultaria em uma fundamentação equivocada e errônea da sociologia, pois o processo de abstração operado por Simmel não é suficientemente disciplinado no que concerne ao método (*idem*:78, 151 e 154).
6. Em capítulo intitulado “A Luta pela Autonomia da Sociologia como Ciência”, Azevedo reserva um item para “A Sociologia Formal de G. Simmel” (*idem*:14, 141 e 150-151), publicando inclusive um retrato de Simmel (*idem*:153).

Aqui vale citar um pouco mais extensamente Azevedo, pois talvez seja a primeira vez, no Brasil, em que Simmel é glosado:

“Nessa luta pela emancipação da sociologia, G. Simmel, filósofo e sociólogo, tomou posição, procurando nas suas obras, em que apresenta uma teoria sociológica sem dúvida das mais originais, estabelecer o objeto da sociologia e libertá-la das analogias mecânicas, biológicas e psicológicas. Ele via, na sua ‘teoria das formas sociais’, o único meio de desprender dessas analogias a nova ciência e de torná-la ciência substantiva e independente e, portanto, ‘a única maneira de impedir esta ciência de respigar perpetuamente no campo dos vizinhos’. Para encontrar esse objeto, apresenta o sociólogo alemão uma noção preliminar de ‘sociedade’ que é, para ele, ‘a ação recíproca dos indivíduos’, passando em seguida a estabelecer a distinção (por abstração científica) entre as diversas ‘formas de associação’ e o ‘conteúdo’ material da associação [...]” (*idem*:150).

Azevedo prossegue, discriminando as idéias de “conteúdo” e “forma” e retomando a crítica de Durkheim a Simmel; alinha-se ao primeiro e termina por afirmar: “É, de fato, com É. Durkheim que a sociologia se apresenta sob uma forma verdadeiramente científica [...]” (*idem*:151). A embocadura geral do livro e da sociologia professada por Fernando de Azevedo é de fato baseada em Durkheim, e nesse sentido a reprodu-

ção da crítica de Durkheim a Simmel nada mais faz do que reforçar as posições do autor, em um jogo tautológico que é característico das relações de filiação.

7. Azevedo discute o processo de autonomização da sociologia enquanto ciência na Alemanha e, nesse contexto, retoma as proposições do Simmel da década de 1890, em seu esforço de delimitar a nascente sociologia (*idem*:377-378).
8. Em um subcapítulo intitulado “A Moderna Sociologia na Alemanha”, Azevedo oferece curtos verbetes de alguns dos mais significativos sociólogos alemães, dentre eles Simmel (*idem*:386-387).

São basicamente estes oito tópicos que atestam a presença de Simmel nesse manual dos anos 1930 (tomado aqui como representativo de uma série de manuais e símiles). É de interesse sublinhar que, em Fernando de Azevedo, Simmel chega ao Brasil pela via francesa, e não pela via norte-americana. Como na França, Simmel, após a Grande Guerra, praticamente desaparece, essa via de acesso utilizada por Azevedo murcha e não encontra continuidade, posto que se fazia em sintonia com os desenvolvimentos franceses. Reveladora, nesse mesmo sentido, são as apreciações de Simmel por Durkheim e Bouglé, que informam em grande parte os desenvolvimentos de Fernando de Azevedo⁸.

Além disso, também é de suma importância a sistematização de Leopold von Wiese (cf. Azevedo, 1935:386-387)⁹. A sociologia formal de von Wiese é sempre vista – e não somente em Azevedo – em unidade com a sociologia formal de Simmel, como um continuador que sistematiza o que em Simmel ainda está desordenado e apenas sugerido. Logo depois será possível perceber como isso aflora com toda clareza; na revista *Sociologia*, em cujos inícios von Wiese aparece com destaque, ele é explicitamente caracterizado como sistematizador da sociologia simmeliana e como um continuador seu, como por exemplo no que diz respeito ao conceito de “socialificação”; em mesma medida, quando Simmel é criticado, ele o é em conjunto com von Wiese¹⁰.

REVISTA SOCIOLOGIA, EMILIO WILLEMS, DONALD PIERSON

Já fiz menção anteriormente à empreitada fundadora de Antenor Romano Barreto e Emilio Willems em 1940, ao comporem a coletânea *Leituras Sociológicas*, na qual aparece, pela primeira vez no Brasil, um texto de Simmel, ou melhor, um fragmento do início de sua grande *Soziologie*. A mesma dupla já havia, ademais, fundado no ano anterior a

revista *Sociologia*, primeira revista específica de sociologia no Brasil, confirmando a vocação pioneira dessa díade¹¹.

Segundo uma investigação de Andrea Alves, já em seu primeiro ano a revista *Sociologia* revela a importância de Simmel para Willems, interessado em temas como “sociabilidade”, “assimilação” etc. Dentre os autores alemães mais citados no triênio 1939-1941, Simmel aparece em primeiro lugar (Alves, 1993:15, 17 e anexo não paginado). Dessarte, quando se trata de definir sociologia, no número inaugural da revista, Simmel oferece vários aportes importantes: por um lado, com a idéia de sociabilidade, em um sentido na verdade não propriamente simmeliano (há inclusive a possibilidade dos ruídos de tradução infiltrados aqui: que conceito simmeliano se verte de fato por “sociabilidade”? Provavelmente *Vergesellschaftung*, e não *Geselligkeit*). Segundo Alves, a idéia de “sociologia formal” também aparece como fundante, donde sua conclusão: o interesse morfológico presente nos fundadores da revista encontraria em Simmel uma fonte de legitimação, nomeadamente na idéia de uma sociologia formal, operante por meio de conceitos como “interação”, “associação” e “assimilação”, direcionados para uma pesquisa eminentemente empírica (*idem*:20)¹².

Além disso, Alves afirma que os enfoques de inspiração simmeliana são combinados com o pragmatismo norte-americano: “Se a concepção de sociologia é retirada de Simmel, a forma de estudá-la é essencialmente inspirada na tradição sociológica dos Estados Unidos. [...] Esse processo conflituoso de apropriação da perspectiva simmeliana e sua adaptação ao viés pragmatista reflete-se na leitura de *Sociologia*” (*idem*:21). A revista funciona como uma instância de institucionalização, legitimação e divulgação do pensamento e prática sociológica, e nesse movimento põe em circulação idéias de proveniência simmeliana, mas deglutidas e digeridas por Park e seus colegas – basta pensar na presença de Simmel no estudo de Park sobre o homem marginal, o uso que faz das idéias de distância social, “estrangeiro”, interação. Tudo isso evidencia o já mencionado processo de apropriação da sociologia simmeliana nos EUA.

Mas, observando a revista como um todo, no período que vai de 1939 a 1955, Simmel é dos autores que aparece com maior frequência. Ele “foi o autor de língua alemã citado mais vezes no periódico durante o período sob análise, tendo sido mencionado em 16 artigos”, diz outra pesquisadora, Naara Luna (1998:20). No registro de artigos que Luna

classifica como didáticos, ele é mencionado em basicamente três contextos: a) na definição de sociologia; b) na concepção de sociologia formal; c) na discussão dos grupos sociais. Em geral, pode-se dizer que Simmel aparece como um dos mais importantes fundadores da disciplina (*idem*:21-22).

Além desse aspecto didático, Simmel aparece como interlocução e/ou legitimação em alguns artigos, de variados autores:

- a) Mário Lins (1940), que procurou desenvolver, nos anos 1940, uma sociologia do espaço, encontra em Simmel um importante ponto de apoio, nomeadamente na noção de distância social e na utilização dos conceitos de “socialização” e “socialidade” – atestando a recepção da *Soziologie* de 1908, via tradução espanhola.
- b) Costa Pinto, em artigo intitulado “Sociologia e Mudança Social”, de 1947, utiliza o Simmel da sociologia formalista como elemento de contraposição à sua preconizada sociologia histórica (Luna, 1998:23-24).
- c) Oracy Nogueira, em “A História de Vida como Técnica de Pesquisa”, de 1952, lança mão da idéia de “estranho sociológico” na fundamentação da relação que se estabelece entre entrevistador e entrevistado, citando Simmel através de Burgess (*idem*:24).

Do levantamento das ocorrências de menção a Simmel na revista, Luna sintetiza sua investigação, no que diz respeito a Simmel:

“A recepção de Simmel, ao contrário da que ocorre com os demais autores, desde o princípio ultrapassa a simples apresentação e classificação em artigos didáticos, mas coincide com a introdução da ciência sociológica e se confunde com ela. Desta forma, nos primeiros artigos a Sociologia é apresentada através de conceitos simmelianos e, embora essas noções sejam debatidas, chega-se ao ponto de usar sua distinção de forma social e conteúdo para classificar escolas sociológicas em sociologia formal e sociologia cultural. [...] O tema mais presente a princípio é a questão da sociologia formal, formas e conteúdos sociais variando independentemente [...]. No processo de recepção, Simmel respondeu muitas perguntas sobre o fazer sociedade e grupos sociais e o papel da interação social [...]. Não há unidade nas seleções feitas pelos autores dos textos quando fazem sua busca na obra de Simmel [...]. A tese simmeliana de o objeto da Sociologia ser as formas sociais é festejada nos primeiros anos e depois rebatida e deixada de lado. Sua abordagem da interação social como o tecido da sociedade também é muito discutida

de início, mas deixa de figurar nos artigos a partir de 1944. De fato, se a medida do interesse nesse autor forem as menções feitas a ele, há um grande interesse nos dois primeiros anos da revista, o número de citações diminui, mas ocorre anualmente de 1941 a 1944, tornando-se irregular, surge em 1947 e depois apenas em 1952. Parece haver um decréscimo da leitura de Simmel, particularmente no tocante à temática da sociologia geral, continuando a responder perguntas mais restritas como as do conflito e a da situação de estrangeiro” (*idem*:24-25, cf. 45-46).

Essa afirmação corresponde, como se vê, a algo que já antes se sugeriu, a saber, que a importância de Simmel, nos anos 1930 e 1940, estaria ligada ao processo mesmo de delimitação do saber sociológico, da definição da disciplina e de sua institucionalização e legitimação; uma vez que isso avança, perde-se o interesse naquilo que fora uma fonte e referência importante.

Creio que a importância de Simmel para Willems também não deixa de ir na mesma direção. Willems, que chega ao Brasil em 1931 e a São Paulo em 1936, atua a partir de 1937 na USP e na Escola Livre de Sociologia e Política – ELSP. A análise de Luna sobre os trabalhos de Willems na revista *Sociologia* mostra que Simmel não foi um autor especialmente citado (*idem*:18), mas, por outro lado, o texto fulminante sobre a sociologia do esnobismo, publicado na *Revista do Arquivo Municipal*¹³, em 1939, é claramente devedor, e em profundidade, de Simmel – embora, paradoxalmente, ele não seja então mencionado.

No *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, outra realização pioneira de Willems, desta vez em parceria com seu compatriota Herbert Baldus, publicado em 1939, Simmel é naturalmente mencionado, e inúmeros conceitos de impregnação simmeliana são elencados: interação, conflito, acomodação, competição, assimilação, espaço social etc.¹⁴.

Alguns anos depois, em 1947-1948, Willems publica *Cunha: Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil*, no qual não se vê menção a Simmel. Mas na reedição do livro em 1961 (com o título: *Uma Vila Brasileira. Tradição e Transição*), expurgado da ampla parte final antropológica, o autor menciona, na nova introdução, a sociologia simmeliana do conflito como uma das contribuições decisivas para o tipo de investigação que pretendia levar a cabo (Willems, 1961:11). Ilusão retrospectiva ou ocultamento germânico em uma investigação em tempo de guerra? De qualquer forma, revelador.

Companheiro de Willems na ELSP foi Donald Pierson, aluno de Mead, Park, Redfield & Cia. em Chicago¹⁵. Pierson, para quem a idéia/conceito de “interação”, vinda da vertente Chicago, desempenha um papel importante, escreve no início dos anos 1940 um manual de sociologia, *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, publicado em 1945, no qual indica Simmel e Durkheim como os “pioneiros da Sociologia”, em seu estabelecimento como disciplina científica (Pierson, 1945:18, 48 e 71)¹⁶. Especificamente nesse sentido, seu manual alinha-se com o de Fernando de Azevedo; mas em um ponto importante, destacado já desde o título, ambos divergem: na ênfase que dão às pesquisas empíricas e à formação do pesquisador em sociologia. A formação norte-americana de Pierson modula desde o âmago sua concepção do sociólogo como pesquisador, mas – dado importante e muito interessante – isso não se faz à custa de um menor interesse e aplicação com relação aos fundamentos teóricos da disciplina. Assim, para mencionar um exemplo, na discussão da relação da história com a sociologia, Pierson reporta-se ao livro de Simmel *Die Probleme der Geschichtsphilosophie*, cuja 2ª edição aparecera em 1915 (*idem*:48-49). Isso revela a formação sólida do pesquisador e a impregnação do ambiente de Chicago por Simmel nos anos de formação de Pierson, não somente no que diz respeito às suas obras mais conhecidas e específicas de sociologia, mas também com relação à questão das condições de possibilidade do conhecimento histórico, um tema cuja importância dificilmente se pode exagerar no processo de fundamentação das ciências sociais.

Além disso, Pierson destaca os problemas da interação e das formas que esta assume na sociedade (*idem*:58, 106-107 e 191-279), indicando como tipos fundamentais de interação a competição, o conflito, a acomodação e a assimilação (*idem*:106-107 e 228-279) – aproximando-se portanto do que foi indicado com relação a Emilio Willems. Dessa maneira, *Teoria e Pesquisa em Sociologia* tem passagens inteiras dedicadas a discutir “o processo de interação: conceito básico nas ciências sociais” (*idem*:191 e ss.), sempre tendo em vista as “profundas e penetrantes análises do pensador alemão Georg Simmel” (*idem*:71), cuja *Soziologie* de 1908 é indicada como um dos livros “indispensáveis” para o sociólogo (cf. *idem*:58)¹⁷.

Outro tema de grande importância para Pierson e no qual Simmel também é fundamental é o do “estranho sociológico”, que Pierson toma da *Soziologie* de 1908 (*idem*:178, 181-182 e 448) e que desenvolve em mais de um estudo, como por exemplo em texto na revista *Sociologia*, “Um

Sistema de Referência para o Estudo de Contatos Raciais e Culturais”, de 1941, o que será também retomado, em 1947, em um estudo empírico sobre uma comunidade do interior paulista, Icapara, quando fala do “forasteiro” (cf. Pierson e Teixeira, 1947).

Portanto, não é somente em *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, mas também em variados artigos de Pierson que Simmel aparece com destaque. Por exemplo, no artigo “Competição e Conflito”, publicado na revista *Sociologia* em 1943, em que Simmel surge com as idéias de interação, conflito, competição (Luna, 1998:23). E é importante sublinhar que essa visão de Pierson é a repetição literal da incorporação de Simmel por Park e por ele difundida em sua (em conjunto com Burgess) *Introduction to the Science of Sociology*, de 1921. Ou seja: Pierson chega a Simmel por intermédio de Park e reproduzindo o modo como Park recebe e “organiza” Simmel. Em *Park and Burgess*, interação é identificada em suas quatro grandes modalidades, que são as apontadas por Pierson. E quando indica a bibliografia “indispensável”, o primeiro livro que Pierson cita é *Park and Burgess* – no qual, como já disse de início, Simmel tem lugar de honra (Pierson, 1945:108, 231, 430 e 431; 1988:33-34). Aliás, é o próprio Pierson quem, em seu manual, relata a importância da presença de Simmel nos cursos que frequentou em Chicago em seus anos de formação, como que repetindo, em chave autobiográfica, o que assinalaria, anos depois, com relação à importância de Simmel para o estudante Park (Pierson, 1945:94; 1988:91).

ROGER BASTIDE

Há pouco um periódico paulista republicou um artigo de Roger Bastide dos idos de 1951, “Variações sobre a Porta Barroca”, acompanhado de um par de fotografias de Pierre Verger. Tivesse sido possível publicar em conjunto o célebre texto de Georg Simmel sobre “A Ponte e a Porta”, aparecido em 1909, e não poderia haver dúvida do tributo de um a outro, tamanha a similitude de perspectiva, procedimento de análise e interpretação (cf. Bastide, 2006 [1951]; Simmel, 2001 [1909])¹⁸. E, não obstante, são muito raras as referências de Bastide a Simmel, como a revelar que, sob certos aspectos, as feridas e diferenças da Grande Guerra eram bem vivas no Entre-Guerras e que as fissuras no desenvolvimento do campo intelectual francês e suas diferenças de origem e institucionalização também permaneceram bastante vivas, mesmo após a morte de seus protagonistas de primeira hora.

Como disse, as referências explícitas de Bastide a Simmel são raras, e elas somente não permitem fundamentar uma relação forte e significativa de recepção. É preciso deixar-se afogar nos textos de Bastide para perceber o quanto alguns deles são próximos e, ao que parece, tributários de Simmel. E isto se revela por conta de uma simples pergunta: em que tradição ou vertente da sociologia francesa poderia ter bebido Bastide, ao procurar e propor uma sociologia que tomasse a poesia como método? Não me parece haver. Mas, se lembrarmos o quanto Simmel foi traduzido na França no período que chega até agosto de 1914, não se pode duvidar da presença do filósofo berlinense no ambiente francês interessado em sociologia – e isso sem deixar de lembrar que, em 1919, Bastide vai estudar em Estrasburgo, uma universidade que acabara de ser reconquistada pelos franceses e na qual Simmel havia lecionado nos últimos anos, até sua morte em 1918, ou seja, pouco antes da retomada da cidade, do final da guerra e da chegada de Bastide.

Com isso sugiro que, para um jovem interessado em sociologia ao final dos anos 1910, e que não parece afinar totalmente com a doxa durkheimiana, Simmel era com muita probabilidade uma leitura instigante, estimulante e até mesmo obrigatória, apesar de maculada pela origem germânica¹⁹.

Se há uma rubrica que permite sintetizar a poesia como método sociológico para Bastide, ela é a idéia de uma “estética sociológica”, ou de uma “sociologia estética”. Ambas as fórmulas são utilizadas de modo intercambiável por Bastide, conforme lhe interessa enfatizar a estética ou a sociologia, ou mesmo sem critério algum na diferenciação. No final das contas, as duas coisas são uma coisa só²⁰. E, com isso, também não há como não se recordar do importante texto de Simmel, “Soziologische Ästhetik” (cf. Simmel, 1992a [1896])²¹.

Se o leitor compara os dois textos sobre a porta, pode dizer que um é desenvolvimento do outro. O de Simmel é mais genérico e abstrato, e possui mesmo essa intenção, pois tem em vista a dimensão metafísica, em sentido simmeliano, da ponte e da porta, vale dizer, identificar “as formas que dominam a dinâmica de nossa vida” (Simmel, 2001[1909]:60). No caso de Bastide, a visada metafísica é imediatamente sociologizada, na busca da função social da porta (isto é, no âmbito da discussão de Simmel, um aspecto particular do amplo nexo que ele pretende sugerir, não mais que sugerir) e, a seguir, direcionada para a porta no barroco brasileiro. Por essa razão, pode-se afirmar que o ensaio

de Bastide é uma paráfrase, extremamente bem-sucedida, do texto de Simmel, pois o enquadra em um contexto específico e nele o problematiza e desenvolve – um aluno à altura do mestre, poderíamos dizer. De sorte que sou tentado a afirmar que temos em Bastide, ocasionalmente, a mais rica e multifacetada, criativa e instigante recepção de Simmel em terras brasileiras – e assumo assim, interessadamente, Bastide como brasileiro, o que naturalmente não se faz sem um grão de sal²².

É de se notar, contudo, que a poesia como método sociológico se constitui, ao menos em sua vindicação apaixonada, no Bastide brasileiro²³. Caracteriza o seu procedimento por meio daquele “princípio os projetores convergentes, que iluminam o objeto estudado, como num teatro a dançarina é aprisionada nos múltiplos fachos luminosos que jorram de todos os cantos da sala” (Bastide, 1977[1946]:79). Não por acaso, Bastide precisa lançar mão de uma *analogia* – precisamente a mesma figura da analogia, tão recorrente e tão reveladora do procedimento simmeliano (cf. Kracauer, 1977) –, e essa idéia da iluminação múltipla do objeto coincide com inúmeras descrições e depoimentos dos alunos de Simmel, como o procedimento por excelência do filósofo berlinense no trato de seus variados objetos (Waizbort, 2000:11-34 e 571-588). Não é o caso de inventariar os objetos de inquirição comum de um e de outro; apenas quero apontar mais alguns outros, além da porta: o segredo, a paisagem, o salão, a refeição, as cidades etc., sem falar, é claro, nos temas sociológicos mais usuais (basta lembrar que Simmel foi um dos fundadores da especialidade “sociologia da religião”)²⁴.

O resultado disso se deixa ver na conclusão de sua aluna Gilda de Mello e Souza: “desentranhar o fenômeno estético do cotidiano, dos fatos insignificantes e sem foros de grandeza, que compõem, no entanto, o tecido de nossa vida” (Souza, 1980:34). Como se percebe, tal afirmação também poderia caber, sem violência alguma, a Simmel. Mas esse desentranhar, no final das contas, remete ao que há de mais significativo, àquela substância da vida que Simmel não titubeou denominar metafísica.

A ausência de alusão mais freqüente e mais explícita a Simmel em Bastide faculta uma observação acerca dos procedimentos e padrões de alusão e citação na literatura científica, eles mesmos intrinsecamente históricos e relativos ao contexto, o que já aponta para o fulcro do problema: que nem sempre se alude e cita do mesmo modo, com a mesma precisão, com o mesmo ímpeto; bem ao contrário. Os padrões defi-

nem-se em processos complexos de diferenciação inter e intradisciplinar, de configuração de públicos leitores, de formação e existência de comunidades de interesse, e outras coisas mais, de modo que muitas vezes se cita sem citar, pois se trata de referência conhecida, ou de referência que já se constituiu em patrimônio comum, ou de referência que não se quer revelar. As razões são quase tantas quantos os casos. Assim, qual não foi a minha surpresa, anos atrás, ao ler um artigo em que um colega demonstrava, com brilho, o quanto Simmel “plagiara” uma literatura científica de seu tempo, sem citar nem mencionar. Mas, naquele contexto, o que hoje seria um plágio era apenas um procedimento comum da lide acadêmica. As fronteiras entre citação, paráfrase, plágio, cópia são tênues e, como disse, sobretudo históricas, relacionadas ao contexto. Daí a necessidade de que o pesquisador, a cada vez, na tentativa de reconstituição de um processo de recepção, remonte ao contexto, no sentido indicado por Pierre Bourdieu: “quanto maior a ignorância do contexto de origem, mais prováveis as deformações do texto” (Bourdieu, 2002:7).

GILBERTO FREYRE

Embora esteja há muito para reler a “Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil” para fazer uma cata miúda do que podem ser as “influências” e “afinidades” de Freyre com Simmel, ainda não cheguei a tanto. Por ora só me é possível assinalar as ocorrências explícitas, que ademais são as indicadas nos índices finais dos volumes. Assim, se no primeiro volume não há ocorrências, no segundo – *Sobrados e Mocambos* –, aparece a referência a *Philosophische Kultur*, nomeadamente ao ensaio sobre “O Relativo e o Absoluto no Problema dos Sexos”, que é mencionado, em chave crítica, quando Freyre discute “A Mulher e o Homem”. Naquela altura, para quem não se lembra, Freyre abordava o problema dos atributos caracteristicamente masculinos ou femininos, na sugestão de uma diferença de fundo e irreduzível entre os sexos (Freyre, 2000 [1952]:138-139, 174 e 836). Por fim, no último volume concretizado da planejada tetralogia, embora haja menção a Simmel, trata-se de menções de pouca importância, pois se referem a possíveis leituras, e da falta delas, por parte de figuras do mundo da ordem e do progresso.

É de fato frustrante, em uma obra na qual o perfume de Simmel parece exalar em variados momentos, não poder indicar de modo mais concreto as possíveis “influências” e “afinidades”. Nesse sentido, gostaria

apenas de dar uma prova daquilo que uma pesquisa mais detida ainda poderá oferecer. A certa altura, Freyre discute a questão da “interpenetração de feudalismo e capitalismo” na América Latina e no Brasil e então afirma:

“Em 1822, em *Memórias Econopolíticas sobre a Administração Pública no Brasil* (Rio de Janeiro, 1822-23), escrevia à página 4 da ‘Primeira Memória’ ‘Hum Portuguez’ que a organização colonial no Brasil ‘não diferia do feudalismo’ senão na substituição dos ‘pequenos senhorios’ pelos ‘pretos escravos’ que lavravam para si e não apenas para os senhores. ‘Hum Portuguez’ percebia *que dentro das mesmas formas podem variar os conteúdos, sem alteração sociológica das formas*” (*idem*:94; ênfases do autor).

Como se vê, uma tomada literal de uma dimensão, certamente a não menos influente, da sociologia simmeliana, e que sugere mesmo que essa tomada, senão advinda do contato direto com os textos de Simmel – pois como se viu ele leu o sociólogo berlinense –, coincide com a tópicade sua sociologia que melhor frutificou no âmbito específico das sociologias do Entre-Guerras, seja na *formal sociology* recebida nos EUA, seja na *Beziehungs- und Gebildelehre* de von Wiese (que foi amplamente recebida nos EUA em função do trabalho conjunto de von Wiese e Howard Becker). De todo modo, aqui também se precisam aferir um pouco as variações do texto nas sucessivas edições de Freyre, caso se pretenda indicar com alguma segurança a cronologia dos acontecimentos.

Voltando: a distinção de forma e conteúdo é operada em pleno espírito simmeliano, como que seguindo a cartilha esboçada por Simmel ainda ao final do século XIX, em seu texto programático sobre “O Problema da Sociologia”, e que retornaria sempre em seus escritos, nomeadamente na grande *Sociologia* de 1908. Que Gilberto Freyre assim formule, e mais ainda, assim afirme, indica, creio, uma recepção forte, que aguarda, como disse, o estudo em profundidade. De resto, as afinidades temáticas são mais do que evidentes: moda, posição da mulher, espaço social, distinção, alimentação, em suma: a atenção aos detalhes e ao inusitado inscrevem, ou ao menos parecem inscrever, Gilberto Freyre na galeria dos simmelianos de espírito e de letra.

Não haveria portanto de ser surpresa encontrar Georg Simmel amplamente referido no manual de sociologia de Freyre, publicado em 1945 (cf. Freyre, 1957[1945])²⁵. A própria definição do sociólogo parece ter

sido cortada e moldada segundo o figurino simmeliano: o sociólogo deve valorizar os

“[...] *insights* na realidade social de que são capazes grandes inteligências ou mesmo gênios do tipo denominado ‘perceptivo’; e cujo próprio ‘impressionismo’ pode abrir caminhos a verificações o mais possível objetivas que venham realizar eles próprios ou outros observadores. E neste particular a própria sensibilidade ao pitoresco, quer da parte de observador menos estranho ao meio, quer da parte de nativo aguçado em sua percepção regional pela permanência mais ou menos longa no estrangeiro e pelo estudo, em meio científico estrangeiro, não só do seu próprio grupo mas de outros grupos, pode ser estimulante e até fecunda para a Sociologia científica” (*idem*:42).

É evidente que tal formulação é modelada sobretudo para descrever, sem nomear, o próprio Gilberto Freyre; mas quantos atributos não indicam precisamente o fulcro da experiência da sociologia simmeliana? *Insight*, impressionismo, abrir caminhos: não são precisamente caracterizações de Simmel? Não por acaso, logo a seguir Gilberto Freyre destaca Simmel dentre aqueles “cientistas sociais” que valorizam a expressão e “se vêm exprimindo de modo a serem considerados escritores” (*idem*:43) – novamente um modo de falar de si por meio do outro, e esse outro é Simmel. Freyre, é preciso reconhecer, não quer jamais “correr o risco de desprezar tudo o que seja impura ou difusamente sociológico”, morrer em “castidade sociológica” (*idem*:58). Para ele, como para Simmel, método é *insight* – o que não significa de modo algum descuido ou desinteresse quanto ao rigor interpretativo.

Além disso, em alguns outros aspectos, Simmel aparece com destaque na *Sociologia*:

1. Na própria definição do que há de ser a sociologia:

“[do] mundo enorme de vida social, podemos dizer que a Sociologia procura retirar para estudo seu: a) os fatos, no seu aspecto de *socialidade* – de *societalização*, diria Simmel para acentuar o caráter dinâmico desses fatos; isto é, os fatos de *dependência do indivíduo*, da organização social e da cultura e os de *dependência* – através da mesma socialidade – *da organização social e da cultura*, do indivíduo; b) o *processo* ou a *forma* de interação por que se realiza essa interdependência e mercê do qual o indivíduo perde de início a pureza individual para tornar-se, através de

funções, homem social, pessoa social ou socius: indivíduo com status ou com situação na vida social” (idem:113, ênfases no original)²⁶.

Pode-se dizer que essa formulação é devedora de Simmel não somente em sua superfície terminológica, mas também em sua profundidade de concepção. Com efeito, está aqui sobretudo em jogo uma concepção de sociedade e da relação de indivíduo e sociedade que destaca o caráter relacional que as articula, e que se pretende enfaticamente processual (*idem*:113-114, 146 e 280). Ainda veremos ao final como isso foi percebido na própria atividade intelectual de Gilberto Freyre e que sentidos a isto se atribuíram.

2. Na importância da questão da distância social (sobre a qual Freyre, já em 1936, escrevera um artigo), quando remete ao capítulo da *Soziologie* de Simmel sobre o espaço (*idem*:193, 241-242 e 298).
3. Na importância dada ao problema dos “tipos” sociais (*idem*:126).
4. No interesse pela moda (neste caso sem nomear Simmel) (*idem*:135, 547-553 e 578).
5. No reconhecimento dado ao problema da constituição social do tempo (neste caso sem nomear Simmel) (*idem*:185-186 e 241-242).
6. Nas variadas discussões sobre o papel social, ligado à questão dos grupos sociais²⁷.
7. Na importância dada a diferenciação, conflito, competição, acomodação, assimilação como processos sociais básicos (nisso em parte coincidindo com a visada de Pierson, vinda de Chicago) (*idem*:380-390).
8. Sobreordenação e subordinação (“‘superiores’ e ‘inferiores’ sociais”, na tradução de Gilberto Freyre) como processos sociais (*idem*:453 e 483). Aqui vale uma citação representativa:

“Também no Brasil, a civilização patriarcal, ou antes, a sociedade agrária, escravocrata e latifundiária [...] acabou de tal modo influenciada pelo escravo africano que se pode hoje falar [...], com Simmel, de uma formação social brasileira em que o domínio do senhor lusitano, ou do patriarca de origem européia, sob mais de um aspecto se apresenta comprometido, amolecido e em algumas de suas zonas até neutralizado pela ‘influência inversa’ do escravo; ou do ‘inferior’ sobre o ‘superior’” (*idem*:451-452)²⁸.

Parece evidente, para os leitores de Freyre, a importância que recebe essa apropriação de Simmel.

9. Na crítica à determinação da infra-estrutura econômica diante de outras dimensões da vida social (p. ex. *idem*:506-508), Freyre apóia-se fortemente em Simmel, defendendo o caráter múltiplo e complexo das “interpenetrações de influências” (*idem*:506 e 586)²⁹. Tal idéia oferece, ademais, uma embocadura sugestiva para pensar o próprio problema de Simmel em meio às interpenetrações de influências que modelam o pensamento e a escrita de Gilberto Freyre.
10. Na importância dada aos mecanismos, os mais variados, de distinção social, como uma chave privilegiada para a compreensão da sociedade e seus variados processos (neste caso sem nomear Simmel) (cf., p. ex., *idem*:545-570).
11. Afirmando a idéia de interação como base de sua sociologia, Freyre formula, a seu modo, um dos fundamentos da sociologia simmeliana (*idem*:611-625).

Com razão pode-se e deve-se objetar que tais temas, problemas e visadas não são específicos nem exclusivos da sociologia simmeliana, mas patrimônio sociológico comum. Entretanto, cabe sugerir que talvez algo da sensibilidade de Gilberto Freyre para estes temas e problemas possa ter passado pela recepção do pensamento de Simmel. É cabível tal sugestão, uma vez que, como espero ter indicado antes, o nexos forte com Simmel já está comprovado, embora não demonstrado em toda a sua extensão.

Por outro lado, em sua *Sociologia*, Freyre, a certa altura, buscou marcar as diferenças que o afastavam do sociólogo de Berlim, quando considera – seguindo nisso uma vertente da recepção norte-americana de Simmel – a sociologia simmeliana exclusivamente como uma sociologia formal. Não se trata absolutamente de questionar a crítica que Freyre faz à sociologia formal, pois isto é um aspecto significativo da recepção do pensamento de Simmel, isto é, sua conversão em sociologia formal. Nesse sentido, é bastante elucidativo lembrar que Freyre recebe Simmel por vários lados: pelas bandas de Chicago, e pela via alemã de von Wiese (aí inclusa a via teuto-americana no trabalho conjunto de von Wiese e H. Becker), e mesmo, como já assinaléi, diretamente. Mas, parece-me, a fórmula e a rubrica da sociologia formal enquadraram em grandes linhas a compreensão e recepção de Simmel por Freyre. Vale citar:

“Tão numerosos são os fatos de interação que em face deles a Sociologia é cada vez mais interacionista nas suas tentativas de generalização e de síntese. Pelo interacionismo a Sociologia foge aos simplismos de toda espécie [...]. E procura analisar, compreender e explicar a realidade social considerada em toda a sua complexidade e na sua totalidade quanto possível viva de situações e formas em que os elementos chamados ‘materiais’ e os ‘ideológicos’ interpenetram-se e completam-se e, através de processos peculiares ao que é social e cultural, formam não só bolos sócio-culturais como combinações ou complexos sociológicos.

Essas combinações ou complexos o observador não pode apalpar, tocar, cheirar. Nem por isso estamos impedidos de os considerar, em Sociologia científica, à parte dos *processos* especiais, ou do *processo* geral, pelos quais eles se realizam. É aqui que nos afastamos da teoria da sociologia exclusivamente formal de Simmel, para incluir entre os objetos de estudo sociológico tais combinações e seus processos e as situações que criam à parte de suas formas” (*idem*:620, ênfases no original).

Os leitores de Simmel sabem muito bem que ele jamais se limitou à doutrina da sociologia formal, que de resto só se sedimentou nas mãos de um von Wiese – um sociólogo que Freyre também recebeu³⁰.

Engata-se aqui um aspecto que permite tanto apontar para debates de época, como salientar disputas no campo intelectual e, por fim, ressaltar em que medida Simmel era percebido em Freyre e que significados a isto se atribuía. Refiro-me, claro está, a asserções polêmicas de Sérgio Buarque de Holanda a respeito da obra de Freyre, moduladas com relação à edição refundida de *Sobrados e Mocambos* (1952), ou seja, aquela obra que anteriormente pus em destaque, assinalando a presença de Simmel em seu enquadramento de análise.

O argumento de Sérgio Buarque é desenvolvido de modo mais amplo do que cabe aqui reproduzir; quero apenas destacar uma passagem de sua crítica. Sérgio Buarque retoma a diferenciação gilbertiana de forma e conteúdo, de clara extração simmeliana, na qual a idéia da organização patriarcal da vida e da família se imporia como forma, a que se podem amalgamar variados conteúdos. Uma forma independente de um conteúdo – é exatamente isso que Freyre afirma, variadas vezes, ao longo do livro, como no seguinte passo, também destacado por Sérgio Buarque:

“Do ponto de vista sociológico, pouco importa que variem não só designações como dimensões de casas nobres; ou o material, quase sem-

pre precário, de construção das casas dos servos. Pouco importa que estes – os servos – fossem africanos ou indígenas, escravos ou ‘agregados’ reduzidos à condição de servos. Ou mesmo que, em algumas áreas, chegasse a haver confraternização tal entre senhores de casas-de-telha e agregados de casas-de-palha que o caráter patriarcal das relações entre tais elementos deixasse de parecer ‘patriarcal’ ou ‘feudal’ para parecer – sem realmente ser – ‘democrático’ e até ‘coletivista’, como em certos trechos dos sertões pastoris e do Rio Grande do Sul.

Da denominação ou mesmo da condição específica de ‘escravo’, em oposição a ‘senhor’, seria um erro fazer condição indispensável à existência de um sistema sociologicamente patriarcal-feudal, isto é, patriarcal-feudal em suas formas e seus processos principais de relações entre dominadores e dominados: a dominação, a subordinação, a acomodação. O sistema pode existir ou funcionar sob aparências as mais suaves: simples ‘coronel’ ou ‘major’, o senhor; ‘morador’, o servo. É o que parece ter sucedido em grande parte do Piauí, do Ceará, da área do São Francisco e do Rio Grande do Sul dando a esses Estados ou a essas áreas aparência de exceções puras e completas à predominância do sistema patriarcal-feudal, ou familiar-tutelar, característico da formação do Brasil em suas áreas de colonização mais antiga” (Freyre, 2000 [1952]: 753-754)³¹.

Opera aqui, como se vê, uma distinção entre forma e conteúdo, de forte e clara inspiração simmeliana, e se afirma que uma mesma forma se concretiza historicamente em conteúdos que podem variar. Com relação a isso, então, Sérgio Buarque de Holanda desenvolve sua crítica:

“Aquelas noções a que tanto se apegam, de ‘forma’ e de ‘conteúdo’ ou substância, provinda, em última análise, da filosofia social de Simmel, retiram toda a sua força da própria indefinição. É verdade que em Simmel elas não passam, ao menos teoricamente, de simples metáforas. Na versão, porém, que lhes dá o autor de *Sobrados e Mocambos*, tende a dissipar-se, mesmo em teoria, esse nominalismo delibrado. De instrumentos de exposição, distinção, confronto, análise, convertem-se em realidades mais ou menos empíricas, servindo de base a julgamentos de valor que mal se disfarçam.

Assim é que, nos seus escritos, as ‘formas’ sociais se mudam com facilidade, ora em entidades reais, à maneira dos organismos biológicos – e então se confundem praticamente com os ‘processos’ sociais, capazes de crescimento, maturação e morte – ora em ‘idéias’ de sabor hegeliano

– idéias de onde não emanam misteriosamente os próprios ‘objetos materiais’” (Holanda, 1979:106, cf. 102-108 e 207)³².

Independentemente da justeza ou não da crítica de Sérgio Buarque, o que é aqui interessante é a mobilização de Simmel como ponto de apoio. Há a mobilização de Simmel por parte de Gilberto Freyre e há a mobilização desta mobilização freyriana por parte de Sérgio Buarque. A discussão se estabelece – dentre outros aspectos, claro está – tomando Simmel como um ponto de referência, a partir do qual se discute um problema e se faz a crítica a esta discussão.

Além disso, o que me parece central aqui é indicar a funcionalidade que essa visada simmeliana possui no argumento de Gilberto Freyre: ela permite garantir o argumento central da atenuação do conflito e da tensão e de um convívio entre as duas partes antagônicas e em oposição; permite dissolver uma relação de oposição forte em uma relação de coexistência, senão pacífica, ao menos suportável, simbiótica e até mesmo razoável. Dito por outras palavras, a relação forma-conteúdo é condizente e funcional para o modo como Gilberto Freyre dilui a tensão do conflito racial, harmonizando-o e conciliando-o. Nesse sentido, a presença de Simmel torna-se muito importante, facilitando o argumento do equilíbrio dos antagonismos.

O mesmo vale, creio, para a idéia da família patriarcal como forma de socialização: a família patriarcal pode assumir, e de fato assume, variados conteúdos e até mesmo perecer, mas a forma permanece. É nesse sentido que Simmel se torna, na “Introdução à 2ª Edição” de *Sobrados e Mocambos*, a fundamentação de base do argumento desenvolvido por Freyre.

Com isso fica indicada, por vários lados, a presença de Simmel, e podemos passar ao próprio Sérgio Buarque.

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Muito já se disse e especulou acerca da presença e influência de autores alemães na obra de Sérgio Buarque de Holanda e sobretudo em *Raízes do Brasil*, em parte em virtude de confissão do próprio autor (Holanda, 1979:29-30). Para nossa discussão, tem especial interesse a contribuição de Gabriel Cohn ao tema, desmistificando a importância de Max Weber e apontando – embora não seja nisso pioneiro – para uma aproximação muito mais substantiva e significativa, com relação a Georg

Simmel. Ao contrário de uma literatura que se reproduz continuamente e que insiste em ver tipos ideais weberianos em Sérgio Buarque, Gabriel Cohn não titubeia em afirmar que, se há algo como tipo ideal em *Raízes do Brasil*, isto só ocorre de modo muito torcido, pois “não o são na sua construção e, sobretudo, no modo como operam na análise” (Cohn, 2002:11) – e são justamente essas duas dimensões, a *Begriffsbildung* e o método, as dimensões fundamentais para Weber. Com uma simples distinção, põe-se portanto a descoberto um vício de interpretação; e como contrapartida abre-se a perspectiva para uma nova visada, descompromissada, com o objeto, e o que se vê, então, é uma aproximação cheia de sentido a Simmel. Isso é afirmado como hipótese, e o autor assim busca sugeri-la com relação a *Raízes do Brasil*:

“Um indício [...] está no próprio modo sinuoso e indireto como as questões vão aparecendo e sendo perseguidas na exposição. Nada dos duros recortes weberianos, mas sim do faro desse incansável perseguidor de significados fugidios que foi Simmel [...]. Ambos, o brasileiro e o alemão, são a seu modo pensadores do desterro, da inadequação, da distância entre o fluxo espontâneo dos impulsos vitais e a forma que ele assume na sua conformação pela força ordenadora da cultura” (*idem*:11).

Na verdade, pulsa por detrás de Sérgio Buarque uma teoria da cultura – não por acaso *Raízes do Brasil* chamava-se, antes de publicado, *Teoria da América* –, uma teoria da cultura que muito parece dever às discussões alemãs da virada do século, e de que Simmel formulou uma das versões mais poderosas e de maior fortuna.

Não é possível reconstruir o problema com a obra de Sérgio Buarque em tela, ao menos nessa ocasião: vale apenas destacar como o artigo-mãe de *Raízes do Brasil*, “Corpo e Alma do Brasil”, respira por inteiro essa teoria (de modo algum homogênea), no interior da qual encontram solo a “standardização das formas exteriores da cordialidade”, o “triumfo do espírito sobre a vida”, as bases para uma psicologia do homem cordial, o “caráter nacional”, o “fundo emocional”, a “maturidade precoce”, a “hipertrofia”, as “forças vitais”, o “processo formativo”, a “polaridade impersonalismo-caudilhismo”, “o predomínio do elemento emocional sobre o racional”, os “dois estilos de vida radicalmente diversos”, as “formas de vida”, o “elemento normativo sólido, inato na alma do povo, ou implantado pela tirania, para que possa haver cristalização social”, assim como outras expressões e idéias, que moldam o ensaio de Sérgio Buarque e que se plasmam, no ano seguinte, no clássico que é *Raízes do Brasil* (cito Holanda, 2006 [1935]). Um dos

elementos que permitem tal valoração, a de clássico, é precisamente certa maturidade que facultou a Sérgio Buarque não sucumbir ao lado obscuro das forças irracionais, como bem já destacou Antonio Candido (1995:329-330).

Além disso, parecem estar de fato presentes em *Raízes do Brasil* alguns tipos: mas jamais os tipos ideais de Weber, e sim os tipos sociais de Simmel. Isso também já foi destacado por Antonio Candido, que aproximou explicitamente Sérgio Buarque de *Raízes do Brasil* de “Simmel, quando define tipos sociais ambíguos” (*idem*:329). Avançando nessa linha, valeria testar a hipótese de que o célebre “homem cordial” é um tipo social de extração simmeliana, uma forma investida de um conteúdo³⁵. Mas não só, pois os tipos do aventureiro, do ladrilhador, para apenas lembrar as figuras que se tornaram mais conhecidas, também podem testemunhar essa mesma reflexão. Todas essas coisas aparecem em Sérgio Buarque de Holanda de modo muito mediado, em empréstimos e amálgamas que se furtam a uma genealogia positiva e unívoca – e mesmo nisso ele se aproxima de Georg Simmel. Passemos, portanto, à seguinte.

GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA

O mesmo Sérgio Buarque de Holanda esteve dentre aqueles que acompanharam a feitura de tese de Gilda Rocha de Mello e Souza, intitulada *A Moda no Século XIX* e apresentada e defendida em 1950 na Universidade de São Paulo. A tese, elaborada sob a orientação de Roger Bastide, inscreve-se na mesma ambigüidade terminológica e espacial-disciplinar do orientador, oscilando entre uma estética sociológica e uma sociologia estética; se, ao final, ela acaba optando por esta última, é sobretudo porque se tratava, antes de tudo, de uma tese de doutorado em sociologia; logo depois, a autora passou institucionalmente para o outro lado, para a estética sociológica, quando migrou da cadeira de sociologia para a de filosofia. Curiosamente, não se nota diferença, e é esse mesmo o ponto, como já enfatizei com relação ao seu orientador (cf. Waizbort, 2003; no prelo).

Na tese, Simmel é um dos autores sociólogos importantes, mas não é o único; interessante é que aqueles que já haviam recebido Simmel no âmbito da sociologia brasileira se tornam uma literatura a ser mobilizada, ou seja, um Simmel de algum modo já aclimatado: é o caso do Emilio Willems da sociologia do esnobismo e do Gilberto Freyre dos

sobrados, para não falar, claro está, do próprio professor orientador do trabalho.

Na tese de Gilda de Mello e Souza, Simmel aparece ora como o autor dos textos sobre moda e sobre cultura feminina, ora como o autor de uma sociologia dos grupos, da diferenciação social, dos mecanismos de distinção social, do conflito e da competição, ora como observador perspicaz dos significados sociais dos modos de comportamento, dos adereços, da festa. É uma presença de fundo, que aflora apenas ocasionalmente, e somente os leitores da grande *Soziologie* de 1908 sabem aquilatar o quanto ele está vivo e atuante por entre as linhas.

EVARISTO DE MORAES FILHO

Em um tratado de sociologia do direito, publicado no mesmo ano de 1950, Evaristo de Moraes Filho realizou um apanhado geral da sociologia, com ênfase histórica e arrolando seus principais autores. Nesse contexto, dedicou algumas páginas a Georg Simmel, baseando-se em *Über soziale Differenzierung* (1890), “Das Problem der Soziologie” (1894) e na tradução argentina da *Soziologie* de 1908. Embora destaque a idéia de sociologia formal em Simmel, em mesma medida procura defendê-lo de todo e qualquer formalismo e insiste na unidade de conteúdo e forma presente nos fenômenos sociais. Ademais, também sublinha a idéia de “ação recíproca”, indicando a célebre *Wechselwirkung* simmeliana. De todo modo, Simmel é, no manual de Evaristo de Moraes Filho, apenas um autor entre inúmeros outros, que não recebe de modo algum tratamento diferenciado (Moraes Filho, 1950:101-107). Por outro lado, logo depois Moraes Filho, em seu livro *O Problema do Sindicato Único no Brasil. Seus Fundamentos Sociológicos*, publicado em 1952, lançou mão de uma concepção de sociedade fortemente inspirada em Simmel, nomeadamente na sua idéia de *Vergesellschaftung* e na sua sociologia dos grupos, realizando um trabalho que fugia ao padrão usual das investigações da época – e aqui apenas sigo a interpretação de Glaucia Villas Bôas. Contudo, o livro de Evaristo de Moraes Filho praticamente não teve recepção na sociologia brasileira (cf. Villas Bôas, 2005:61-84, esp. 64, 72-74).

Além disso, Moraes Filho parece ter tido uma importância considerável na difusão de Simmel em sala de aula. Aqui vale o depoimento de um antigo aluno, Gilberto Velho, que freqüentava a Faculdade Nacional de Filosofia logo após o golpe militar de 1964 e vivenciou os proble-

mas por que passava, naquela quadra, a faculdade e em especial a cadeira de sociologia:

“[...] e afinal veio nos dar aula, para impedir que perdêssemos o ano, o professor Evaristo de Moraes Filho. Evaristo era catedrático de direito do trabalho na Faculdade de Direito, mas era livre-docente de sociologia na Filosofia. [...] Evaristo assumindo, a sociologia melhorou dramaticamente. Ele é uma pessoa de enorme cultura e gostava de um autor por quem na época eu já me interessava: Georg Simmel. Evaristo é o responsável pela publicação da primeira e única [sic] coletânea do Simmel no Brasil. Na época, a coletânea ainda não estava publicada, mas ele falava no Simmel, e eu, pelo pouco que conhecia até então, já me interessava” (Velho, 2001a:267-268).

Com este depoimento, já tocamos aquela geração e aquelas figuras que mencionei ao início e que representam, creio, um novo momento na história da recepção de Simmel no Brasil.

UM EXEMPLO EM NEGATIVO: FLORESTAN FERNANDES

Nos anos 1950 e 1960, os temas de maior interesse e estudo nas ciências sociais brasileiras não possuíam muita afinidade com a sociologia simmeliana, e nesse sentido é emblemática a posição de Florestan Fernandes. Esta posição aflora com nitidez nas resenhas que Florestan fez, em 1945 e em 1952, do *Arte e Sociedade* de Roger Bastide e de *A Moda no Século XIX*, de Gilda de Mello e Souza. Nos dois casos, trata-se de obra de colegas, com quem trabalha na Faculdade de Ciências e Letras da USP, e com os quais procura manter um tom de discordância em tudo discreta. Contudo, a leitura das resenhas não deixa dúvidas quanto às diferenças de Florestan Fernandes em relação aos colegas: em poucas palavras, eles são simmelianos demais, ou seja, pecam pela ausência de sistematicidade e pelo excesso de ensaísmo. Tudo o que permite sentir o perfume de Simmel em seus leitores brasileiros irrita o sociólogo paulista, preocupado com a fundamentação da explicação sociológica, na qual, diga-se de passagem, Simmel só é mencionado para ser imediatamente descartado³⁴.

A irrelevância de Simmel para a sociologia brasileira dos anos 1950 e 1960 – sociologia da modernização, do desenvolvimento, sobretudo – só começará a reverter no momento em que a dimensão cultural – e não a economia, a política, a transformação social – passar a ser um foco importante da atenção dos sociólogos, o que, por outro lado, reforça a po-

sição do Gilberto Freyre citado, que publica a edição refundida de *Sobrados e Mocambos* no início dos anos 1950.

NOVOS TEMPOS

Destarte, parece-me que, nos anos 1950 e 1960, os temas de maior interesse e estudo nas ciências sociais brasileiras não possuíam muita afinidade com a sociologia simmeliana, como se deixa ver nos casos de Florestan Fernandes ou de Luís de Aguiar Costa Pinto, já mencionados. Por essa razão, nessas décadas a recepção e o tráfico de Simmel pelas ciências sociais parece ter perdido lugar e interesse.

Como sugeri ao iniciar, podemos situar na virada para os anos 1980 a passagem para outro momento na história da recepção do pensamento de Simmel no Brasil. Além do que já foi dito na ocasião, isso pode ser investigado em outra dimensão, que aparece em um comentário de Gilberto Velho acerca de Gilberto Freyre:

“Freyre retoma com originalidade o pensamento de G. Simmel. O grande pensador alemão foi uma das maiores influências na sociologia norte-americana. Acredito serem muito fortes as afinidades de Freyre com sua obra, principalmente no que se refere à temática *indivíduo e sociedade* e à questão da *subjetividade*. A partir daí, encontramos a elaboração de reflexões que estão no limite entre uma antropologia cultural e uma psicologia social.

A valorização da heterogeneidade sociocultural brasileira permite-lhe estar atento e valorizar o fenômeno da reciprocidade e das trocas socioculturais. Não se tratava de desconhecer contradições e conflitos, mas de vê-los como dimensão da vida social, aparecendo tanto na sociedade como um todo, como nas próprias trajetórias individuais, aproximando-o de Simmel” (Velho, 2001b:116, ênfases no original).

Ao passar rapidamente por Sérgio Buarque de Holanda, tomei como ponto de apoio uma reflexão de Gabriel Cohn acerca da possível presença de Simmel em Buarque de Holanda; agora também em Gilberto Velho podemos encontrar uma reflexão acerca da presença de Simmel em Gilberto Freyre. Se, por um lado, esses dois colegas realizaram trabalhos significativos, nos quais a presença de Simmel foi importante, tanto mais relevante é perceber o esforço que realizaram para evidenciar como aquilo que para eles foi e é precioso também se encontra em uma tradição anterior, à qual, de algum modo, por meio desse processo de identificação, se enlaçam. Com isso, criam um nexo de continui-

dade e a possibilidade de um movimento cumulativo-formativo, no qual podem situar os seus próprios trabalhos e, por esse mesmo movimento, obtêm uma perspectiva para realizar uma observação do processo das ciências sociais no Brasil. Creio que isso permite vislumbrar um novo momento na história da recepção de Simmel no Brasil, nomeadamente em uma dimensão auto-reflexiva das ciências sociais entre nós ou, dito em outro jargão, uma observação de segunda ordem (cf. Luhmann, 1997:esp. cap. 2).

Feitas as contas, apresentado o inventário (é verdade que bem incompleto), bem se pode ver que a herança de Simmel não é algo morto e sem vida, indiferente e indiferenciador, mas que a seu modo vive e pulsa nas ciências sociais do Brasil, desde que elas se pretenderam ciência. Nesse sentido, não tem nada de similar ao dinheiro, como Simmel, ao que parece erroneamente, sugeriu; com efeito, o exercício da lembrança tem sido uma constante, que se atualiza de maneira diferenciada a cada momento na história das nossas ciências sociais. Mais do que enfatizar um conjunto de possíveis fatos históricos comprováveis sob lupa positivista, interessa indagar e investigar em que medida Simmel se fez de algum modo presente em uma memória coletiva que molda o pensar das ciências sociais no Brasil³⁵, e nesse sentido se revela e também se oculta nos textos mais ou menos canônicos, mais ou menos conhecidos, mais ou menos lidos e valorizados dos autores brasileiros.

(Recebido para publicação em janeiro de 2007)

(Versão definitiva em março de 2007)

NOTAS

1. Colegas historiadores e filósofos que consultei não souberam identificar uma possível recepção de Simmel em seus respectivos campos disciplinares.
2. Novamente, trata-se de excerto do início da *Soziologie* de 1908 e é traduzido da coletânea organizada por Wolff, *The Sociology of Georg Simmel*, por Robert Schwarz e cotejada com o alemão.
3. O texto foi traduzido da coletânea organizada por Wolff (1950).
4. A coletânea (192 p.) reúne 12 “textos” de Simmel, sete deles excertos da *Soziologie* de 1908, dois deles da pequena *Sociologia* de 1917, além de três outros textos. Alguns deles foram traduzidos diretamente do alemão, outros de traduções norte-americanas,

- e revistos pelo organizador. Além disso: Simmel (1992b), tradução de uma coletânea realizada na França, e Souza e Oelze (1999), coletânea com textos de Simmel e sobre Simmel; assim como a edição portuguesa (Simmel, 1970 [1910]).
5. Cf. em geral Miceli (1989/1995), em especial, no vol. 1, Limongi (1959/1945: 217-233).
 6. Mas o texto só terá ampla divulgação, nos EUA, a partir de 1950, com sua publicação em Wolff (1950), em tradução de Hans Gerth e C. Wright Mills.
 7. Referências a Simmel nas pp. 23, 47, 66, 69, 72, 76, 78, 83, 84, 86, 140, 150-154, 158, 166, 377-378, 386-387.
 8. Textos de Simmel citados por Azevedo (1935): "Le Problème de la Sociologie" (1894); "Das Problem der Soziologie" (1894); "Comment les Formes Sociales se Maintiennent" (1898); "Superiority and Subordination as Subject Matter of Sociology" (1896); *Sociologia*, trad. *Revista de Occidente*, Madri (pp. 76 e 86); e um texto não discriminado, publicado na *Révue de Sociologie*, em março de 1908. Sobre Simmel, Azevedo recomenda e utiliza: C. Bouglé, *Les Sciences Sociales en Allemagne*; F. Squillace, *Diccionario di Sociologia*; *I Problemi Costituzionali della Sociologia*; *Le Dottrine Sociologiche*; e L. von Wiese, *Sociologia, Historia y Principales Problemas*.
 9. Azevedo cita de Leopold von Wiese, *Sociologia, Historia y Principales Problemas*; Wiese e H. Becker, *Systematic Sociology*.
 10. Por exemplo, na crítica de Costa Pinto (1947) à disjunção de forma e conteúdo em seu texto "Sociologia e Mudança Social". Cf. Luna (1998:41-42).
 11. Sobre Emilio Willems, ver Villas Bôas (2006), assim como seu próprio depoimento, "Dezoito Anos no Brasil. Resumo de Atividades Didáticas e Científicas" (Willems, 1988).
 12. Vale a pena conferir os respectivos verbetes nos dicionários de Baldus e Willems (1939) e de Willems (1950). Dicionários, como mecanismos de definição, fixação, legitimação e reprodução, são elementos-chave em processos como o que pretendo examinar.
 13. Sobre a revista e o seu contexto, ver Silvana Rubino (1989/1995:479-521, esp. 494-499). O texto de Willems é provavelmente uma retomada de seu texto anterior, "Essai über den Snobismus", publicado no início dos anos 1930 na Alemanha.
 14. O mesmo ocorre no *Dicionário de Sociologia*, dessa vez sob a responsabilidade exclusiva de Willems, publicado em 1950.
 15. Sobre Donald Pierson, ver seu depoimento, "Algumas Atividades no Brasil em Prol da Antropologia e Outras Ciências Sociais" (Pierson, 1988).
 16. O mesmo já ocorrera em artigo publicado em 1942 na revista *Sociologia*, "Estudo e Ensino da Sociologia".
 17. E como literatura suplementar Pierson indica Simmel (1903-1904:798; 1905).
 18. Para uma leitura de Bastide que se aproxima das questões aqui tratadas, ver Peixoto (2000: esp. 15-43).
 19. É de supor que Bastide, como interessado em sociologia, conhecesse as publicações de Simmel em francês, para nada dizer das em alemão: "La Différenciation Sociale" (1894), "Le Problème de la Sociologie" (1894), "Influence du Nombre des Unités Sociales sur les Caractères des Sociétés" (1895), "Sur quelques Relations de la Pensée avec les Intérêts Pratiques" (1896), "Comment les Formes Sociales se Maintiennent" (1898), "De la Religion au Point de Vue de la Théorie de la Connaissance" (1903),

- “Quelques Considérations sur la Philosophie de l’Histoire” (1909), e sobretudo as *Mélanges de Philosophie Relativiste*, publicadas por Alcan, em Paris, em 1912.
20. Tratei dessa questão em Waizbort (2003) e Waizbort (no prelo). Criticamente à postura de Bastide manifestou-se, à época, Florestan Fernandes, em sua resenha do livro de Bastide *Arte e Sociedade* (Fernandes, 1945).
 21. Charles Lalo foi uma referência muito importante para Bastide, e Lalo desenvolve, desde os anos 1920, a idéia de uma “esthétique sociologique”. Cf. Lalo (1927; 1946) (em que cita os *Mélanges* de Simmel); Bastide o considera o “fundador da estética sociológica” (Bastide, 1945:48). Em *Arte e Sociedade* há apenas uma menção a Simmel (*idem*:121), que não é mais referido nem mesmo quando Bastide aborda temas desenvolvidos por Simmel, como, por exemplo, a moda (cf. *idem*:231). Por outro lado, quando fala em “estilos de vida” parece se referir a Simmel (*idem*:227, utilizando inclusive a expressão em alemão, *Lebensstil*).
 22. “Roger Bastide pode ser considerado desde o momento de sua chegada, em 1938, um brasileiro em potencial” (Souza, 1980:18).
 23. Programaticamente em textos como “Carta sobre a Crítica Sociológica” (1944) e “A Propósito da Poesia como Método Sociológico” (1946), Bastide professa uma sociologia de clara inspiração simmeliana, embora não o mencione uma vez sequer. Há de se notar, contudo, que naquela quadra e contexto não era mesmo indispensável indicar e explicitar as proveniências, empréstimos e influências. Por outro lado, é possível argumentar que há aqui a presença do pensamento do “Colège de Sociologie”, de que Bastide foi próximo (cf. Peixoto, 2000). Uma coisa não invalida a outra, e ambas pedem investigação detida.
 24. No artigo “A Teoria Sociológica do Conhecimento”, publicado na revista *Sociologia* em 1944, Bastide lança mão da idéia simmeliana do indivíduo como ponto de cruzamento dos círculos sociais (cf. Luna, 1998:23).
 25. Simmel é referido nas páginas 43, 61, 69, 79, 84, 88, 110, 113-114, 117, 126, 141, 151, 175, 187, 188, 193, 209, 280, 287-88, 298, 321, 446, 452, 453, 483, 484, 502, 505, 506, 517, 524, 525, 580, 586, 590, 620, 636, 651 e 704. Não me foi possível consultar a primeira edição, de 1945. Obras de Simmel citadas na *Sociologia* de Freyre: *Soziologie* (1908); *Über soziale Differenzierung* (1890); *Lebensanschauung* (1918); *I Problemi Fondamentali della Filosofia* (trad. de *Grundprobleme der Philosophie*); assim como Nicholas Spykman, *The Social Theory of Georg Simmel* (1925).
 26. Cf. ainda Freyre (1957[1945]:116-17, 141, 151, 209, 538 e 651-652 [aqui Freyre aproxima bastante sua posição da de Simmel] e, marcando certa distância, p. 517).
 27. O problema é recorrente na *Sociologia* de Freyre, p. ex. pp. 116-117, com referência a Simmel.
 28. Freyre remete ao cap. 3 da *Soziologie* de 1908: “Sobre-ordenação e subordinação”. Cf. Freyre (1957:483): “O subordinado recebe influência do dominador mas exerce sobre este influência”.
 29. Freyre faz remissão a Simmel, *Die Probleme der Geschichtsphilosophie* (1892: 94-101).
 30. Freyre utiliza recorrentemente: L. von Wiese, *Allgemeine Soziologie* (Berlin, 1921-1929); *Allgemeine Soziologie* (Berlin, 1923); e L. von Wiese e Howard Becker, *Systematic Sociology on the Basis of the “Beziehungslehre” and “Gebildelehre” von Leopold von Wiese* (New York, 1932). Além disso, Freyre também menciona o trabalho de

Pinto Ferreira, *Von Wiese und die zeitgenössische Beziehungslehre* (Rio de Janeiro, 1941) (Freyre, 1957[1945]:193).

31. Sérgio Buarque de Holanda cita um pedaço dessa passagem em Holanda (1979:104).
32. Note-se que Sérgio atribui a Simmel não uma sociologia, mas sim uma “filosofia social”.
33. Veja-se o parágrafo intitulado “Psicologia do Nosso ‘Homem Cordial’” em Holanda (2006 [1935]:400-403).
34. Veja-se p. ex. as referências a Simmel em Fernandes (1959). Nada mais distante do sistema científico almejado por Florestan do que a sociologia de Simmel – o que, ademais, me relatou em depoimento um de seus antigos alunos e assistentes.
35. Nesse sentido, ver Link e Link-Heer (2002:414).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Andrea Moraes. (1993), *Alguns Temas e Problemas da Sociologia no Brasil. Uma Análise de Conteúdo da Revista Sociologia (1939-1941)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, IUPERJ.
- AZEVEDO, Fernando de. (1935), *Princípios de Sociologia. Pequena Introdução ao Estudo de Sociologia Geral*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- BALDUS, Herbert e WILLEMS, Emilio. (1939), *Dicionário de Etnologia e Sociologia*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- BARRETO, Romano e WILLEMS, Emilio (orgs.). (1940), *Leituras Sociológicas*. São Paulo, Edições da Revista de Sociologia.
- BASTIDE, Roger. (1945), *Arte e Sociedade* (trad. Gilda de Mello e Souza). São Paulo, Livraria Martins Editora.
- . (1977) [1946], “A Propósito da Poesia como Método Sociológico”. *Diário de São Paulo*, 8 de janeiro e 22 de fevereiro (republicado em *Cadernos CERU*, nº 10, 1977, pp. 75-82).
- . (2006) [1951], “Variações sobre a Porta Barroca”. *Novos Estudos*, nº 75, pp. 129-137.
- BIRNBAUM, P. e CHAZEL, F. (orgs.). (1977), *Teoria Sociológica*. São Paulo, Hucitec/Edusp.
- BOURDIEU, Pierre. (2002), “Les Conditions Sociales de la Circulation Internationale des Idées”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 145, pp. 3-8.
- CANDIDO, Antonio. (1995) [1982], “Sérgio em Berlim e Depois”. *Vários Escritos* (3ª ed.). São Paulo, Duas Cidades, pp. 323-335.
- CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Octávio (orgs.). (1961), *Homem e Sociedade. Leituras Básicas de Sociologia Geral*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

- COHN, Gabriel. (2002), "O Pensador do Desterro". *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 23 de junho, pp. 10-11.
- COSTA PINTO, Luiz A. (1947), "Sociologia e Mudança Social". *Sociologia*, nº 2.
- FERNANDES, Florestan (org.). (1969), *Comunidade e Sociedade. Leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação*. São Paulo, Companhia Editora Nacional/Edusp.
- FERNANDES, Florestan. (1945), "Arte e Sociedade II. Axiologia, Estética Sociológica e Sociologia Estética". *O Estado de S. Paulo*, 19 de julho.
- . (1952), Resenha de "A Moda no Século XIX. Ensaio de Sociologia Estética", de Gil-da de Mello e Souza, in *Anhembi*, ano III, vol. IX, nº 25, pp. 139-140.
- . (1959), *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- FREYRE, Gilberto. (1957) [1945], *Sociologia. Introdução ao Estudo de seus Princípios* (2ª ed.). Rio de Janeiro, José Olympio.
- . (2000) [1952], *Sobrados e Mocambos* (12ª ed.). Rio de Janeiro, Record.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1979), *Tentativas de Mitologia*. São Paulo, Perspectiva.
- . (2006) [1935], "Corpo e Alma do Brasil", in *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 399-420.
- KRACAUER, Siegfried. (1977) [1920], "Georg Simmel", in *Das Ornament der Masse*. Frankfurt, Suhrkamp, pp. 209-248.
- LALO, Charles. (1927) [1926], *Notions d'Esthétique* (2ª ed.). Paris, Alcan.
- . (1946) [1921], *El Arte y la Vida Social*. Buenos Aires, Albatros.
- LEVINE, Donald N., CARTER, Ellwood B. e GORMAN, Eleanor Miller. (1976), "Simmel's Influence on American Sociology", in H. Böhringer e K. Gründer (orgs.), *Ästhetik und Soziologie um die Jahrhundertwende: Georg Simmel*. Frankfurt, V. Klostermann, pp. 175-228.
- LIMONGI, Fernando. (1989/1995), "A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo", in S. Miceli (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Idesp/Vértice/Finep/Sumaré/Fapesp, vol.1.
- LINK, Jürgen e LINK-HEER, Ursula. (2002), "Karwoche oder Karneval? Auerbach und Bachtin über literarische Realistik", in W. Helmich, H. Meter e A. Poier-Bernhard (org.), *Poietologische Umbrüche. Romanistische Studien zu Ehren von Ulrich Schulz-Buschhaus*. München, Fink.
- LINS, Mario. (1940), "Introdução à Espaciologia Social". *Sociologia*, vol. 2, pp. 359-371.
- LUHMANN, Niklas. (1997), *Die Kunst der Gesellschaft*. Frankfurt, Suhrkamp.
- LUNA, Naara L. A. (1998), *Emílio Willems e a Recepção da Sociologia Alemã na Revista Sociologia*. Rio de Janeiro, Relatório final de trabalho, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRJ.
- MICELI, Sergio (org.). (1989/1995), *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Idesp/Vértice/Finep/Sumaré/Fapesp, 2 vols.

Leopoldo Waizbort

- MORAES FILHO, Evaristo. (1950), *O Problema de uma Sociologia do Direito*. Rio de Janeiro/São Paulo, Freitas Bastos.
- (org.). (1983), *Georg Simmel: Sociologia*. São Paulo, Ática. (Col. *Grandes Cientistas Sociais*, vol. 34).
- PEIXOTO, Fernanda A. (2000), *Diálogos Brasileiros. Uma Análise da Obra de Roger Bastide*. São Paulo, Edusp.
- PIERSON, Donald. (1944), “Robert E. Park: Sociólogo Pesquisador”. *Sociologia*, vol. 6, pp. 282-294.
- . (1945), *Teoria e Pesquisa em Sociologia*. São Paulo, Melhoramentos.
- . (1988), “Algumas Atividades no Brasil em Prol da Antropologia e Outras Ciências Sociais”, in M. Corrêa (org.), *História da Antropologia no Brasil*. São Paulo/Campinas, Vértice/Unicamp, pp. 30-116.
- e TEIXEIRA, Carlos B. (1947), “Survey de Icapara”. *Sociologia*, vol. 9, pp. 3-21.
- RUBINO, Silvana. (1889/1995), “Clubes de Pesquisadores. A Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia”, in S. Miceli (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Idesp/Vértice/Finep/Sumaré/Fapesp, vol. 2.
- SIMMEL, Georg. (1903-1904), “The Sociology of Conflict”, in A.W. Small (ed.), *The American Journal of Sociology* (trad. A.W. Small). Chicago, The University of Chicago Press, vol. 9.
- . (1905), *Philosophie der Mode*. Berlim, Pan-Verlag.
- . (1967) [s.d.], *Fragmente und Aufsätze aus dem Nachlass und Veröffentlichungen der letzten Jahre*, in G. Kantorowicz (org.), Hildesheim, G. Olms.
- . (1970) [1910], *Problemas Fundamentais da Filosofia*. Coimbra, Atlântida.
- . (1991) [1900], *Philosophie des Geldes* (2ª ed.), D. P. Frisby e K. C. Köhnke (orgs.). Frankfurt, Suhrkamp.
- . (1992a) [1896], “Soziologische Ästhetik”, in *Georg Simmel Gesamtausgabe*. Frankfurt, Suhrkamp, vol. 5, pp. 197-214.
- . (1992b), *Filosofia do Amor*. São Paulo, Martins Fontes.
- . (2001) [1909], “Brücke und Tür”, in *Georg Simmel Gesamtausgabe*. Frankfurt, Suhrkamp, vol. 12, pp. 55-61.
- SOUZA, Gilda Rocha de Mello e. (1950), *A Moda no Século XIX*. Tese de Doutorado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/USP.
- . (1951), “A Moda no Século XIX. Ensaio de Sociologia Estética”. *Revista do Museu Paulista*, nova série, vol. V, pp. 7-93 (com pranchas fora do texto).
- . (1980), *Exercícios de Leitura*. São Paulo, Duas Cidades.
- SOUZA, Jessé e OELZE, Berthold (orgs.). (1999), *Simmel e a Modernidade*. Brasília, UnB.
- VELHO, Gilberto. (2001a), “Entrevista com Gilberto Velho”, in *Mudança, Crise e Violência. Política e Cultura no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pp. 261-303.

- . (2001b), “O Significado da Obra de Gilberto Freyre para a Antropologia Contemporânea”, in F. Quintas (org.), *Anais do Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos*. Recife, Fundação Gilberto Freyre, pp. 115-116.
- VELHO, Otávio Guilherme (org.). (1967), *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.
- VERNIK, Esteban. (2006), “Georg Simmel’s Reception in South America. Translation. Existence, and Nation”. *Simmel Studies*, ano 16, pp. 75-92.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. (2005), “O Insolidarismo Revisistado em *O Problema do Sindicato Único no Brasil*”, in E.G.F. Pessanha, R.L.M. Morel e G. Villas Bôas (orgs.), *Evaristo de Moraes Filho, um Intelectual Humanista*. Rio de Janeiro, ABL/Topbooks, pp. 61-84.
- . (2006), *A Recepção da Sociologia Alemã no Brasil*. Rio de Janeiro, Topbooks.
- WAIZBORT, Leopoldo. (2000), *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo, Editora 34.
- . (2003), *O Asmodeu Dialético*. Tese de Livre-Docência, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP.
- . (no prelo), *A Passagem do Três ao Um. Crítica Literária – Sociologia – Filologia*. São Paulo, Cosac & Naify.
- WILLEMS, Emilio. (1930), “Essai über den Snobismus”. *Archiv für angewandte sociologie*, ano 3, vol. 2.
- . (1939), “A Sociologia do Snobismo”. *Revista do Arquivo Municipal*, ano 5, vol. 58, pp. 43-56.
- . (1950), *Dicionário de Sociologia*. Rio de Janeiro, Globo.
- . (1961), *Uma Vila Brasileira. Tradição e Transição*. São Paulo, Difel.
- . (1988), “Dezoito Anos no Brasil. Resumo de Atividades Didáticas e Científicas”, in M. Corrêa (org.), *História da Antropologia no Brasil*. São Paulo/Campinas, Vértice/Unicamp, pp. 118-127.
- WOLFF, Kurt H. (ed.). (1950), *The Sociology of Georg Simmel*. Glencoe, The Free Press.

ABSTRACT

Simmel in Brazil

Simmel's presence in the social sciences in Brazil is varied and longstanding. This article attempts to indicate some of the forms of appropriation, reception, and importation of his ideas and writings, visiting various Brazilian social scientists who are in some way considered illustrative of the underlying questions and seeking to demonstrate the multiplicity of forms and modes of relations they establish with Simmel's work. From this point of view, the research allows tracing a history of sociology in Brazil.

Key words: reception; Simmel; Brazil

RÉSUMÉ

Simmel au Brésil

La présence de Simmel dans les sciences sociales au Brésil est variée et ancienne. On cherche ici à indiquer quelques-uns des modes d'appropriation, accueil et importation de ses idées et textes, chez plusieurs chercheurs en sociologie brésiliens, tenus d'une certaine façon pour exemplaires quant aux questions de fond; on essaie de montrer la multiplicité de formes et de modes de rapports qu'ils ont établis avec l'oeuvre de Simmel. Dans une certaine mesure, cette recherche aide à saisir l'histoire de la sociologie au Brésil.

Mots-clé: accueil; Simmel; Brésil